

# ERA UMA VEZ ... SARTRE X MERLEAU-PONTY

**Clarice Fortkamp Caldin**

**Resumo:** Em forma de narrativa ficcional, apresenta o Reino do Texto Literário, a Rainha Literatura, os príncipes Leitor e Escritor e seus respectivos tutores, Sartre e Merleau-Ponty. Neste Reino os súditos são as palavras, as frases, os parágrafos e o exército se compõe de vírgula, ponto e vírgula, ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação e reticências. O enredo se fixa no debate entre os dois filósofos a respeito da primazia do Leitor ou do Escritor no Texto Literário. Professores, literatos, filósofos e psicólogos do mundo todo são convocados para resolver a querela. Como no Reino quem manda é a Rainha, prevalece a opinião da Literatura.

**Palavras-chave:** Sartre. Merleau-Ponty. Leitor. Escritor. Texto Literário.

Era uma vez... num lugar não muito distante, um rei que tinha morrido. Pior: morrera sem ter escolhido o herdeiro. Nessa história, diferente das outras, havia apenas dois filhos, e não três como é de praxe nos contos de fadas. A rainha, cansada de cuidar do rei durante sua doença, resolveu conhecer o mundo. Disse para os filhos:

— Meu amado esposo, Algoritmo (o fantasma de uma linguagem pura) morreu. Vou dar uma volta pelo mundo, fazer novas amizades. Vocês, virem-se. Fui.

E assim, os dois príncipes ficaram sozinhos no castelo. Quer dizer, sozinhos, não, que eles tinham, cada um, um ministro-conselheiro, que lhes servia de tutor.

Um dos príncipes, chamado Leitor, como era muito chique, escolhera para conselheiro um filósofo francês chamado Jean-Paul. O outro filho, Escritor, para não ficar para trás, escolheu também um conselheiro filósofo e francês de nome Maurice. Esses filósofos davam muitos palpites

aos príncipes, mas, como todo príncipe que se preze, estes não acatavam tin-tin por tin-tin suas orientações.

E havia os súditos: as letras, as palavras, as frases, os parágrafos. As letras eram bebezinhos lindos que arrulhavam sons ininteligíveis e todos achavam muito engraçadinhos. As palavras eram raparigas de todos os tamanhos e perfis: algumas joviais, outras serenas e ainda outras ferinas e cruéis. As frases eram jovens senhoras: algumas reticentes, outras categóricas e incisivas e ainda outras leves e conciliatórias. Os parágrafos eram homens muito pomposos, que gostavam de argumentar sobre tudo e não admitiam interferência. Só paravam de falar quando perdiam o fôlego. Então outro parágrafo que já estava de prontidão, aproveitava a deixa e largava a verbosidade.

Para controlar toda essa algaravia, os policiais se faziam presentes, atentos a qualquer deslize: a vírgula, o ponto e vírgula, o ponto final, o ponto de exclamação, o ponto de interrogação e as reticências. Como o reino era progressista, aceitava mulheres nas fileiras e pode-se dizer que as vírgulas eram um grande exército, trabalhadoras incansáveis, que, para não perder as fofocas, ficavam sempre no meio das frases. O ponto e vírgula também gostava de ficar por perto para saber das coisas, mas ele era um grande metido. As vírgulas só o suportavam porque, hierarquicamente, era superior a elas. O ponto final era enérgico: quando se apresentava, finalizava o assunto e ninguém questionava. O ponto de exclamação era um deslumbrado: surpreendia-se com tudo. O ponto de interrogação era bastante cansativo: vivia fazendo perguntas e por isso não tinha muitos amigos. As reticências eram policiais mais antigas, cansadas da lida e, com medo de ser demitidas e de não encontrarem outro emprego por causa da

idade, não tinham opinião formada sobre nada. Eram vagas o suficiente para não se comprometerem.

E assim seguia a vida nesse reino montanhoso chamado Texto Literário, mesclado de magníficas paisagens e rios caudalosos com áreas perigosas, regiões íngremes e escarpadas e até mesmo com lugares ainda inexplorados.

Mas, voltemos aos príncipes e seus tutores. Esses últimos já tinham sido amigos, iam juntos ao mesmo bar, tinham os mesmos ideais. Mas depois brigaram e foram se afastando um do outro. Começaram a ter idéias conflitantes a respeito de um ponto muito delicado no reino: de quem seria de fato e de direito a realeza? Do Leitor ou do Escritor?

Jean-Paul, parisiense, já tinha sido romancista, teatrólogo, professor, e, segundo alguns, era o maior intelectual do existencialismo. No momento, tentava convencer o príncipe Leitor de que ele era, por direito, o soberano do reino.

Maurice, que nascera em Rochefort-Sur-Mer, publicara livros e era, essencialmente, professor. Portanto, achava-se extremamente gabaritado para servir de tutor ao príncipe Escritor. E só para discordar do colega Jean-Paul, não gostava de ser chamado existencialista. Dizia-se, então, filósofo da existência. Sua principal tarefa no reino era convencer o príncipe Escritor de que ele era, por direito, o soberano.

Em que pesem as diferenças de opinião, um ponto em comum, no entanto, os unia. Ambos eram estudiosos da fenomenologia de Edmund Husserl e faziam parte da “geração dos descontentes”. Já se vê por aí que eles não se conformavam com qualquer coisa e não seriam pessoas muito fáceis de lidar. Também já se vê por aí que, sendo pessoas esclarecidas, não

discutiam da maneira tradicional, com socos e pontapés. Valiam-se da argumentação e da troca de insultos de um jeito muito polido e acadêmico, pode-se dizer, até bonito, pois sua discussão era acerca do objeto estético e, assim, tinha de ser estética também.

Dizia Jean-Paul ao príncipe Leitor:

— Caro príncipe, você é, por direito, o regente do Texto Literário. Não há como questionar sua realeza: você é quem cria o sentido para ver uma frase como objeto estético. O Escritor, na verdade, é seu servo: ele trabalha para você. *Pois o objeto literário é um estranho pião, que só existe em movimento. Para fazê-lo surgir é necessário um ato concreto que se chama leitura, ele só dura enquanto essa leitura durar. Fora daí, há apenas traços negros sobre o papel.* Lembre-se: você transcende as palavras, como um ser imaginante, você começa a criar, a dar vida às personagens. Somente você sente o prazer estético, pois tem o direito de mexer com a imaginação. Seja paciente: *ler implica prever, esperar. Prever o fim da frase, a frase seguinte, a outra página; esperar que elas confirmem ou infirmem essas previsões, a leitura se compõe de uma quantidade de hipóteses, de sonhos seguidos de despertar, de esperanças e decepções.* Assim, você tem a função mais bela e mais agradável no reino: a função imaginante! Você pode lançar-se para um futuro desconhecido!

Leitor ficava fascinado com essas palavras e pensava:

— Jean-Paul tem razão! Eu sou o rei! Sou o rei do Texto Literário!

Ao seu turno, Maurice aconselhava o príncipe Escritor:

— Não ceda! Você é o regente! Você domina, por direito, o Texto Literário! Seu charme é maior. Você cativa a todos. Sua função é magnífica: suas palavras fazem o “fogo pegar” – o Leitor fica maravilhado

com o que você diz! Você tem a capacidade de induzir os pensamentos do Leitor. Veja só o alcance do seu poder! Você é um orientador das significações. Pense no povo: *como tecelão, o Escritor trabalha pelo avesso: lida apenas com a linguagem*. Jean-Paul vive dizendo que você não tem prazer, só trabalho. Ora, isso é o que o povo deseja! Um rei trabalhador. Um rei que se mistura, que se descentra no corpo de outro. Um rei que não é narcisista, que compreende que a experiência estética tem a ver com o outro.

Escritor concordava com seu tutor e bradava:

— Eu sou o rei do Texto Literário! Posso comover o outro com a minha fala!

Assim, os tutores jogavam o Leitor contra o Escritor e dividiam o reino.

Nesse meio tempo voltou a rainha Literatura, revigorada da viagem e com novas idéias. Não ficou nada satisfeita com a desavença dos irmãos. Menos ainda com os tutores.

— Que história é essa? Então eu saio para descansar um pouco dos problemas e quando volto está essa confusão? Daqui para frente eu assumo. Vamos resolver esse assunto já, já.

A rainha era muito decidida. Resolveu chamar professores, literatos, filósofos e psicólogos do mundo todo para ver se acabava a querela. O ponto final colocou-se de prontidão. Quando a rainha chamasse, ele estaria por perto.

Os convidados foram chegando. Alguns, desconfiados, outros, curiosos e outros aborrecidos com essa amolação, que eles tinham mais o que fazer, ora essa!

Discute que discute, não se chegava a lugar algum. Afinal de quem era o direito de reinar no reino do Texto Literário? Do Leitor ou do Escritor?

A rainha percebeu que aquilo ia longe e resolveu tomar uma medida drástica:

— Distribuam bebidas a todos. Vamos ver no que vai dar.

Alguns recusaram polidamente, outros bebericavam e outros foram com toda sede ao pote. A discussão foi amainando. Começou-se a conversar sobre carros, mulheres e futebol. Depois de algum tempo, já nem se lembravam porque estavam ali. Só sabiam que era uma festa e que a bebida estava sendo distribuída com generosidade. Os que de início recusaram, resolveram, por educação, beber, mas só um pouquinho. E de pouquinho a pouquinho, foram longe. Os que bebericavam começaram a gostar e a pedir mais. Já não bebericavam, bebiam. Os outros mesmo sem sede continuaram a ir ao pote, várias vezes, várias vezes, várias vezes.

No final da tarde estavam amigos. Davam-se tapinhas nas costas, trocavam endereços e diziam uns para os outros:

— Apareça lá em casa!

Por fim, foram embora sem resolver coisa alguma.

A rainha nem pestanejou:

— Como rainha, decido que, enquanto eu for viva (e pretendo viver muito), mando eu. Os príncipes Leitor e Escritor reinarão comigo, mas como amigos, não adversários. E os tutores, que parem de criar confusão. Que ajudem e não atrapalhem! Que seja tudo pelo bem do reino! Que seja tudo pelo bem do Texto Literário! Tenho dito!

Chamou os criados para limpar o salão e verificar se alguém tinha esquecido alguma coisa. Encontraram num canto, uma apostila perdida, em outro, uma análise literária, embaixo da mesa, uma teoria inacabada, e debaixo do sofá, um pensamento filosófico.

Nesse meio tempo os tutores confabularam:

— Por ora, vamos deixar assim. Mas esse assunto ainda não acabou. Logo, logo, a rainha arruma outra viagem a aí decidiremos essa questão!

O ponto final escutou a conversa e frustradíssimo, encolheu-se a um canto e chorou, mas discretamente, posto que ele era respeitado e não queria perder a pose nem a autoridade. Só quem presenciou o fato foram as reticências, mas elas não contaram a ninguém. Ficaram foi satisfeitas pois observaram que nesse reino teriam emprego por muito, muito tempo.

Por fim a rainha, satisfeita com a decisão que tinha tomado e crente que tudo estava resolvido, chamou sua dama-de-honra, amiga fiel e companheira, que por acaso era bibliotecária, e pediu-lhe:

— Ajude-me, agora, a arrumar as referências.

A bibliotecária prontamente apanhou as normas e fez seu serviço. E assim, o mundo ficou conhecendo os trabalhos de Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty.

## R E F E R Ê N C I A S

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*. São Paulo: M. Fontes, 1991.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

---

## **ONCE UPON A TIME ... SARTRE X MERLEAU-PONTY**

**Abstract:** In fictional narrative form, shows the Kingdom of Literary Text, the Queen Literature. The princes Reader and Writer and their guardians, Sartre and Merleau-Ponty. In this Kingdom that the subjects are the words, the sentences, the paragraphs and the army are the commas, the semicolons, exclamation, question mark and reticences. The plot concentrates on in the debate between two philosophers about the priority of the Reader or of the Writer in the Literary Text. Teachers, writers, philosophers, psychologists of the world are called to decide the trouble. Like in the Kingdom who leads it the Queen, prevails the opinion of Litetrature.

**Keywords:** Sartre. Merleau-Ponty. Reader. Writer. Literary Text.

---

### **Clarice Fortkamp Caldin**

Professora no Departamento de Ciência da Informação, no Centro de Ciências da Educação, na Universidade Federal de Santa Catarina desde 1995.

Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina em 2001.

Doutoranda em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina.

E-mail: clarice@cin.ufsc.br

Artigo:

Recebido em: 18/05/2007

Aceito em: 04/08/2007